

# A quem justificar minha culpa? – uma leitura dos contos “Antiperipléia” e “-Uai, eu?” de Guimarães Rosa

Valda Suely da Silva Verri

Secretaria de Pesq. e Pós-graduação do CCH - Universidade Estadual de Londrina-UEL

Caixa postal 6001 – CEP: 86051-990 - Londrina – PR. - Brasil

vsverri@yahoo.com.br

*Abstract. With this work, we look for to accomplish a reading of two texts by Guimarães Rosa: “Antiperipléia” and “-Uai, eu?” they both belong to the work ‘Tutaméia – terceiras estórias’. Our intention is to notice which function is reserved to the narratees inside to the narrative situation. Our work looks for to understand how the paper of both narratees contributes to express a regionalism with introspection and how the literary quality of the two texts it can also be attributed to the paper carried out by the narratees. For so much, we use Gerard Genette's terminology and Gerald Prince theoretical considerations.*

*Keywords. short stories; narratee; Guimarães Rosa*

*Resumo. Com este trabalho, buscamos realizar uma leitura de dois contos de Guimarães Rosa: “Antiperipléia” e “-Uai, eu?”, ambos da obra Tutaméia – terceiras estórias. Nosso objetivo é perceber qual é a função reservada aos narratários dentro da situação narrativa. Nosso trabalho busca compreender como o papel desses narratários contribui para expressar um regionalismo com introspecção e de que maneira a qualidade literária dos dois textos pode ser atribuída também ao papel desempenhado pelos narratários. Para tanto, empregamos a terminologia de Gerard Genette, e as considerações teóricas de Gerald Prince,*

*Palavras-chave. contos; narratário; Guimarães Rosa*

Escapando da narração convencional, a obra de João Guimarães Rosa situa-se cronologicamente na vanguarda narrativa contemporânea que explora as dimensões pré-

conscientes do ser humano, porém apontando para o cenário sertanejo e não somente para o homem urbano, como tratam a maioria dos escritores da literatura intimista. Assim, o conflito homem/mundo que permeia a literatura modernista, acompanha a obra de Rosa. Isso leva Galvão (2000) a perceber que a obra de Rosa apresenta dois aspectos que a situam entre o regionalismo e a tendência de introspecção psicológica. Ou nas suas palavras:

É nesse panorama literário, basicamente bipartido, que Guimarães Rosa vai fazer sua aparição, operando como que uma síntese das características definidoras de ambas as vertentes: algo assim como um regionalismo com introspecção, um espiritualismo em roupagens sertanejas. (GALVÃO, 2000: 26)

Em razão desse arranjo lingüístico de estilo ímpar, muitos estudos já foram dedicados à obra desse escritor. Porém, cada qual se dedicando a determinado aspecto e especificidade de sua obra. “Do beco ao belo” é o título do artigo em que Chiappini tece algumas reflexões sobre o que atribui qualidade literária a esses textos da literatura regionalista:

A função da crítica diante de obras que se enquadram na tendência regionalista é, por isso, indagar da função que a regionalidade exerce nelas; e perguntar como a arte da palavra faz com que, **através de um material que parece confiná-las ao beco a que se referem, algumas alcancem a dimensão mais geral da beleza** e, com ela, a possibilidade de falar a leitores de outros becos de espaço e tempo, permanecendo, enquanto outras (mesmo muitas que se querem imediatamente cosmopolitas, urbanas e modernas) se perdem para uma história permanente da leitura. (CHIAPPINI, 1995: 156 – grifo nosso)

Não é uma informação nova, portanto, que a obra de Rosa revela uma relação homogênea entre o regional e o universal. Ou seja, que seu regionalismo se estende a outros becos, uma vez que analisa as dúvidas e anseios da consciência e os sentidos da aventura humana. Há também os que apontam para uma homogeneidade na linguagem entre o narrador e os personagens. Diferentemente de Rosa, podemos citar Coelho Neto, que já atribuiu a seus narradores um falar culto em oposição ao falar sertanejo de seus personagens. Essa escolha, segundo Cândido (1972), torna discriminatória a fala regional, pois esta aparece inferiorizada em relação à outra. Esse arranjo lingüístico conseguido por Rosa é também o que traduz a qualidade estética do seu texto.

Esse mencionado trabalho lingüístico, já bastante discutido pela crítica literária contemporânea, faz-se naturalmente a partir de uma “situação narrativa” (Genette 1979: 274). Esta constitui um dos aspectos do texto narrativo cujos dois protagonistas são o narrador e o narratário. O narratário é também uma instância de real importância dentro da narrativa e que, podemos afirmar, não se restringe a um mero receptor pacífico, consumidor das informações do narrador, mas, como um destinatário imediato do discurso do narrador, interfere, de forma às vezes mais, às vezes menos, explícita no texto. O narratário representa, como, de forma sintética explicam Reis & Lopes:

[...] uma entidade fictícia, um ‘ser de papel’ com existência puramente textual, dependendo diretamente de outro ‘ser de papel’ com existência puramente textual, o narrador que se lhe dirige de forma expressa ou tácita. (1988: 66 - grifos dos autores).

Quem primeiro se dedicou a uma exploração mais demorada, no entanto introdutória, sobre esta categoria narrativa foi Gerald Prince. A leitura de seu estudo pode ser considerada indispensável a quem se dedica a esse assunto. Entre outras observações relevantes, é importante destacar como o estudioso chama a atenção para a importância do narratário dentro da obra literária:

[...] é possível que muitos problemas da poética narrativa que poderiam ter sido abordados pelo ângulo do narratário, foram abordados pelo do narrador; apesar de tudo, aquele que narra e aquele a quem narra, dependem mais ou menos um do outro em qualquer situação que seja. (PRINCE, 1994: 2 )

Para Genette (1979), o narrador intradieético visa a um narratário também intradieético, assim como o narrador extradieético visa a um narratário extradieético. O narratário extradieético pode identificar-se com o leitor, não se confundindo, entretanto com o leitor real do texto, o receptor. Entenda-se, então, o receptor como leitor que não é necessariamente aquele a quem o texto está destinado. O narratário existe ainda que não apareça mencionado no discurso do narrador. O narratário intradieético é uma personagem concreta podendo ou não interferir na intriga.

Dois contos de Guimarães Rosa que se encontram em *Tutaméia – terceiras estórias* apresentam narradores autodieéticos que se dirigem a seus narratários com objetivos muito semelhantes, mas que em alguns aspectos se opõem. São eles: “Antiperipléia” e “-Uai, eu?”. Empregando a terminologia de Gerard Genette e de Gerald Prince, pretendemos, então, realizar uma leitura dos dois contos citados, a fim de perceber que função é reservada aos narratários dentro da situação narrativa e que importância tem essa função para qualidade literária dos dois textos. Faz-se necessário perceber que intencionalidades existem no discurso desses narradores em relação aos narratários e de que maneira os narratários determinam os discursos desses narradores. Os narratários dos dois contos são, portanto, intradieéticos assim como seus narradores. Assim tentaremos esclarecer como o regionalismo de Rosa é capaz de alcançar os anseios do homem de outras regiões e outros tempos, conforme assinalamos inicialmente pelas palavras de Chiappini.

Em “Antiperipléia” um narrador protagonista, Prudenciniano, conta a um senhor desconhecido da cidade sobre a morte de seô Tomé, um cego de quem o narrador era guia. Tanto o narrador quanto o Seô Tomé apresentam peculiaridades interessantes. O primeiro é deficiente físico, o segundo, cego. O narrador demonstra em muitos momentos ciúme, compaixão e às vezes ódio em relação ao cego. O objetivo do narrador em seu discurso dirigido exclusivamente a esse narratário é isentar-se de qualquer tipo de culpa, uma vez que a população do local julgava-o responsável pela morte do cego. O narratário é alguém que pretende levá-lo para trabalhar na cidade. No

início da narração, em meio a algumas reflexões e numa relação aparentemente formal entre os dois interlocutores, o narrador anuncia a possibilidade de não poder acompanhar o homem desconhecido. O texto já de início anuncia o propósito do narrador em relação ao narratário:

- E o senhor quer me levar, distante, às cidades? Delongo. Tudo para mim, é viagem de volta. (ROSA, 2001: 41)

E vão me deixar ir? Em dêz que o meu cego seô Tomé se passou, me vexam, por mim puxam, desconfiam discorrendo. Terra de injustiças. (ROSA, 2001: 41)

Entretanto, ao final da narração, a situação se inverte, pois o narrador, após contar sua história e refletir melhor, decide ir com ele.

Vou, para guia de cegos, servo de dono cego, vagavaz, habitual no diferente, com o senhor, Seô Desconhecido.” (ROSA, 2001: 45)

A narração é feita, então, a esse destinatário desconhecido, neutro, portanto, em relação ao ocorrido, pois não faz parte daquele universo e, por isso, mostra-se imparcial. Essa escolha do autor por esse tipo de narratário constrói uma situação em que o narrador se vê pressionado por todos os moradores do lugar, menos pelo narratário. Este, não tendo tomado parte no caso, mostra-se interessado na história, pois faz intervenções que ecoam indiretamente nas falas do narrador:

Patrão meu, não. Eu regia – ele acompanhava: pegando cada um em ponta do bordão[...] (ROSA, 2001: 42)

O marido desgostava dela, druxo homem, de estrambolias, nem vinha em casa. Alguém maldou? Cego esconde mais que qualquer um, qualquer logro. (ROSA, 2001: 43)

Supõe-se que, em passagens desse tipo, o narrador esteja respondendo a questionamentos do narratário, o que mostra a participação do segundo de forma indireta na organização da seqüência narrativa. Prince nos oferece uma explicação sobre esse recurso narrativo:

[...] certas partes de uma narração podem se apresentar em forma de perguntas ou pseudo-perguntas. Às vezes essas perguntas não emanam nem de um personagem, nem do narrador que se contenta em repeti-las. É preciso, então, atribuí-las ao narratário e observar o tipo de curiosidade que o anima, o tipo de problemas que gostaria de resolver. (PRINCE, 1994: 11)

Gérard Genette (1979) relaciona cinco funções para o narrador. Para Genette, todas elas caminham juntas e nenhuma pode ser excluída. O que podemos notar é que cada texto apresenta uma como predominante. Interessa ao nosso trabalho o que ele denomina *função de comunicação* (1979: 254). Esta pressupõe a orientação do narrador para o narratário, seja ele presente, ausente ou virtual. Para melhor esclarecer:

[...] à preocupação de estabelecer ou de manter com ele um contato, ou até um diálogo, corresponde uma função que lembra ao mesmo tempo a função “fática” (verificar o contato) e a função “conativa” (agir sobre o destinatário) de Jakobson. (GENETTE, 1979: 254)

Neste conto temos um narratário presente que permite a ação do narrador pelo discurso, mas que também contribui para o encaminhamento desse discurso.

Situação semelhante vamos perceber no conto “- Uai, eu?”, em que o narrador conta a seu advogado um caso de assassinato em que ele se assume como único culpado. Já desde o início da narração ele se propõe a não esconder nada do seu ouvinte, uma vez que o caso interessa a ambos e, segundo ele, “...que vale enterrar minhocas?”, ou seja, ele quer dizer que, independentemente de se querer ocultar ou revelar, as verdades sempre acabam por aparecer. Assim decide fazê-lo.

O narrador coloca-se, em todo o desenrolar de seu discurso, em condição inferiorizada em relação a seu patrão, o médico Dr. Mimoso. O médico configura no texto a representação do mundo letrado, enquanto que o narrador é a representação do universo iletrado. Nessa perspectiva, o narratário vai pertencer ao mesmo universo do Dr. Mimoso, pois é um advogado, representante da lei e responsável pela sua interpretação. É necessário observar ainda que o narrador, à medida que conta sua história, justifica para o mundo letrado sua distância em relação ao universo das idéias, o que o faz muito diferente do médico. Há, no conto, uma clara oposição entre esses dois mundos:

Ele, desarmado, a não ser as antes idéias. Eu – a prumo. Mais meu revólver e o fino punhal. De cotovelo e antebraço um homem pode dispor. Sou da laia leal. Então, homem que vale por dois não precisa estar prevenido?” (ROSA, 2001: 248)

Suas palavras deixam clara a idéia de que um estava armado de pensamentos, de idéias, enquanto o outro se armava de forma prática (com revólver e punhal).

A gente na vem-vinda – de casos de partos. A gente conversava constituidamente, para recuidar, razões brancas. Eu escutava e espiava só as sutilezas, nos estilos da conversação. Aquelas montanhas de idéias e o capim debaixo das vacas. (ROSA, 2001: 249)

O trecho destacado reafirma a distância entre o mundo das idéias e o mundo natural, bem como a superioridade de um sobre o outro. As idéias, que fazem parte do mundo do Dr Mimoso, estão na cabeça (no alto) em oposição ao capim debaixo das vacas.

Nesta perspectiva, é importante citar a contribuição de Araújo (2001) que faz uma leitura profunda sobre a relação entre Jimirulino e o Doutor Mimoso. Para ela, o segundo, muito sutilmente, leva o primeiro a cometer o crime e Jimirulino, depois do caso passado, deseja ser como o Doutor que sutilmente se vale do seu discurso para alcançar seus objetivos práticos.

Fica, pois, evidente a importância do papel do narratário, nesse conto. O narrador protagonista coloca-se em postura oposta ao Doutor. Ele representa o mundo iletrado, ao passo que o Doutor, o universo do letramento. O advogado pertence ao mesmo universo do Doutor. E o narrador faz questão de deixar isso claro para o leitor quando aproxima os saberes de ambos:

Atilado todo em sagacidades e finuras – é de fimplus! De tintínibus... – latim, **o senhor sabe**, aperfeiçoa... Isso, para ele, era fritada de meio ovo. O que porém bem. (ROSA, 2001: 248 – grifo nosso)

É para ele que o narrador pretende se justificar, direcionando seus conceitos sobre a vida, suas reflexões, sua ideologia. A reflexão desse narrador busca sentido para a dualidade agir & pensar. Agir é próprio dele e pensar, do mundo letrado. Veja-se a diferença pelo próprio nome do personagem “Dr. Mimoso”, pessoa sutil “Inteligente, justo e bom! – muito leve no caso.” (ROSA, 2001: 249). Nota-se que o Doutor apresentava “sutilezas, nos estilos da conversação.” (ROSA, 2001: 249) em oposição ao narrador: “duro, firme, de lei – pau de ipê, canela-do brejo.” (ROSA, 2001: 249).

Os narradores desses dois contos de Guimarães, como de costume, não oferecem uma leitura facilmente compreensível ao leitor, mas eles e os seus narratários demonstram partilhar da mesma *competência narrativa* (REIS, 1988: 20), uma vez que não há, por parte dos narradores, esclarecimentos metaliterários ou metalingüísticos que se façam necessários para a efetivação da comunicação. Assim esses narradores podem se ocupar em explicitar suas ideologias, os ensinamentos que lhe trouxeram os acontecimentos que narram, que resultam no momento da narração na suas filosofias de vida. É interessante observar que narrador e narratário pertençam a mundos diferentes e que isso não torne necessárias um mínimo de indicações esclarecedoras. Supõe-se, com esse recurso do autor que a cultura do sertão seja de entendimento fácil a ambos os narratários da cidade. Dessa forma, os textos parecem deixar claro que, para as pessoas que pertencem ao universo urbano, é simples penetrar no universo do sertão.

No primeiro conto discutido, notamos a preocupação de isentar-se da culpa. Para tanto, o narrador tenta ganhar a simpatia do narratário acusando a todos os outros. À medida que seu discurso evolui, é possível perceber que ele vai apontar para as injustiças que todos os moradores do local vêm cometendo contra ele, que se julga um inocente “Bêbedo”. Assim se refere aos demais personagens:

Então, prendam a mulher, apertem com ela, o marido rufião, aí esses expliquem decerto o que nem se deu. A mulher, terrível. Delegado segure a alma do seô Tomé cego, se for capaz! (ROSA, 2001: 41)

Em síntese, ele tenta mostrar ao seu interlocutor que a mulher era terrível, o marido um alcoviteiro e o cego um aproveitador, enquanto ele, um inocente. Faz parte ainda de seu discurso:

Eu, bêbedo e franzino, ananho, tenho de emendar a doideira e cegueira de todos? (ROSA, 2001: 43)

Assim é possível perceber que o narrador não se sente acuado diante do narratário por este ser da cidade, como o faz o outro.

Vemos que os objetivos dos dois narradores em relação a seus narratários apresentam semelhanças e dessemelhanças. Ambos apresentam, cada qual a seu narratário a preocupação de discorrer sobre uma suposta culpa. Em “Antiperipléia”, a preocupação do narrador de conquistar o narratário, ou convencê-lo de sua inocência se evidencia. Entretanto, seu objetivo não fica claro para o leitor, que necessita de certa competência literária para completar o que o narrador não diz claramente. O texto não deixa evidente a culpa, tampouco a inocência do narrador. Em “-Uai, eu?”, os objetivos do narrador em relação ao narratário são de assumir sua culpa. Porém, é preciso compreender a ambigüidade de seu discurso. Ele deseja penetrar no mundo das idéias e ser como o doutor. Percebeu isso depois de ter tempo para pensar na prisão, o que ele define como “o gosto de segunda metade” (p. 250).

Sendo ambos os narratários pessoas pertencentes ao universo cultural da cidade, a relação narrador/narratário em ambos os contos opõe esse universo ao do sertão. Entretanto, o primeiro decide ir à cidade para ser guia de cego. Ele pretende guiar o desconhecido, coloca-se numa postura em que ele assume o poder. Além do que, está sendo convidado a esse posto por alguém que veio desse mundo unicamente para buscá-lo. O segundo, está se colocando nas mãos do narratário e do mundo da lei que este representa. Assume sua culpa, mas mostra que aprendeu a pensar. Deseja agora ser como o doutor. Na construção do texto, a escolha por um personagem advogado para ser o narratário não se dá por acaso. Reside aí um convite a interpretar o caso: embora a questão já esteja resolvida e Jimirulino condenado, quem seria o culpado? Jimirulino que executou ou o doutor que sutilmente mandou? Cabe ao narratário refletir sobre o fato de a lei não poder condenar as idéias, o abstrato, apenas as ações.

Assim a escolha por ambos os narratários para ouvir as reflexões desses narradores sobre suas culpas vem ao encontro dos objetivos do texto. O guia de cego conta a alguém neutro que vai levá-lo ao recomeço ao “habitual no diferente”, uma vez que se via pressionado no espaço onde se encontrava. Enquanto o vaqueiro conta a alguém que representa a lei para ajudá-lo a refletir sobre o fato de a lei julgar atos e não intenções. Assim, vemos que os textos levantam questionamentos que partem do sertanejo, mas que podem ser estendidos a outros becos caracterizando-se como literatura, arte.

## Referências

- ARAÚJO, Heloísa Vilhena de. *As três graças*. São Paulo: Mandarin, 2001.
- CÂNDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem. *Ciência e cultura*, 24, p. 803-809. 1972.
- CHIAPPINI, Ligia. Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 8, nº 15, p. 153-159. 1995.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *Guimarães Rosa*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- GENETTE, Gerard. *Discurso da narrativa: ensaio e método*. Trad. Fernando Cabral Martins. Lisboa: Arcádia, 1979.
- PRINCE, Gerald. Introdução ao estudo do narratário. Trad. Cláudia Maria Xatara e Wanda Aparecida Leonardo de Oliveira. *Glotta*. v. 16. p. 1-45. 1994-1995
- REIS, Carlos & LOPES, Ana Cristina. *Dicionário de Teoria da Narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.
- ROSA, João Guimarães. *Tutaméia- terceiras estórias*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.